

A teoria da narrativa historiográfica em *Tempo e narrativa*: uma contribuição para uma historiografia literária brasileira

Uma abundante bibliografia e uma extraordinária proliferação recente dos usos do termo literário no campo das ciências humanas e das práticas sociais patenteiam o crescente interesse pela tematização de novas formas de pensar a escrita de histórias de literatura.¹ Segundo Heidrun Krieger Olinto, “a historiografia literária escreve-se no plural.”² Tais bibliografias, de um lado, configuram uma passagem sem precedentes na teoria da literatura da idéia da literatura como unidade textual para um difuso sistema literário situado em contextos culturais, sociais e geo-políticos específicos e historicamente circunscritos, e, de outro lado, sinalizam mudanças paradigmáticas em escrita de literatura e em estudos críticos, seja a partir de perspectivas culturais, políticas e sociológicas, seja a partir de perspectivas científicas e filosóficas.³ Não há uma única concepção de fenômeno literário. Mostra-nos, portanto, uma sucessão de modelos conceituais com que a crítica literária exprime sua reflexão sobre o fenômeno literário. Hoje, a concepção de literário perdeu de modo aparentemente definitivo a sua unidade textual, sendo, pois, tarefa de todo teórico de literatura, logo e permanentemente, distinguir os métodos e modelos epistemológicos dentro do espaço definido pelo discurso crítico literário racionalmente articulado.⁴ O

¹ OLINTO, Heidrun Krieger & SCHOLLHAMMER, Karl Erick. *Literatura e mídia*. São Paulo: Edições Loyola, 2002; _____. *Literatura e cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2003; _____. *Literatura e imagem*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2005.

² OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura – as novas teorias alemãs*. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 5.

³ EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura – uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003; GOMES, Álvaro Cardoso & VECHI, Carlos Alberto. *Introdução ao estudo da literatura*. São Paulo: Editora Atlas, 1991; JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994; LIMA, Luiz Costa. *A leitura e o leitor – textos de estética da recepção*. 2.^a edição. São Paulo: Editora paz e terra, 2002.

⁴ Por exemplo: método empírico-formal, tendo como modelo as ciências da natureza; método dialético, tendo como modelo as ciências da história; método fenomenológico, tendo como modelo as ciências do psiquismo; método hermenêutico, tendo como modelo as ciências da cultura.

problema da possibilidade do conhecimento do fenômeno literário é abordado em diferentes campos epistemológicos.

Quando dizemos que alguém sabe ou conhece algo (e não apenas acredita), normalmente queremos falar de convicções ou afirmações que, além de verdadeiras, são também seguras. Por isso, quando fazemos uma afirmação e alguém nos pergunta “como você sabe?”, somos levados a justificá-la ou fundamentá-la. E quando, à maneira cética, é contestada a possibilidade de todo e qualquer conhecimento seguro, parece natural a tendência de procurar uma base absolutamente segura para o conhecimento, algo como um ponto arquimédico do conhecimento. No campo epistemológico da história da literatura acontece freqüentemente o mesmo.

Podemos, pois, distinguir três níveis de compreensão da historiografia literária brasileira acerca da história da literatura, que a crítica literária deve levar em conta: o nível da compreensão do senso comum, o nível da compreensão explicativa e o nível da compreensão filosófica. No nível do senso comum, o passado do fenômeno literário é acolhido por grupos os mais diversos como algo dado, sem nenhuma dúvida. No nível da compreensão explicativa, o passado do fenômeno literário é tratado na literatura mais recente sob vários enfoques temáticos e metodológicos. Exemplo disso é a obra de *Teoria de literatura – uma introdução*, de Terry Eagleton⁵, na qual ele trata de várias áreas epistemológicas que constituem correntes teóricas da crítica literária: teoria literária do ponto de vista da fenomenologia, da hermenêutica e da teoria da recepção; teoria literária do ponto de vista do estruturalismo e da semiótica; teoria literária do ponto de vista do pós-estruturalismo; teoria literária do ponto de vista da psicanálise; teoria literária do ponto de vista da crítica política. Outrossim, tanto no nível do senso comum quanto no nível da compreensão explicativa, há pressupostos *não-ditos* (decisões filosóficas)⁶, sobre os quais o crítico literário estrutura sua conceptualização metódica e sistematicamente. Perguntar pelos pressupostos e por sua legitimação é um procedimento de nível filosófico. O fato é que a compreensão da narrativa histórica do fenômeno literário é um problema hermenêutico atual, seja no nível de conhecimento do senso comum, seja no nível de conhecimento explicativo, seja ainda no nível de conhecimento filosófico.

⁵ EAGLETON, *op. cit.*

Em sala de aula, um aluno ouve atentamente seu professor de história da literatura explicando a poesia de Gonçalves Dias, seguindo a *História concisa da literatura brasileira*.⁷ O aluno observa que o professor fala com convicção. Ele pergunta como o professor sabe o que ensina. O professor diz que estudou muito: fez graduação em... especialização em... e pós-graduação em... O aluno pede esclarecimentos de como o professor sabe que seu conhecimento acerca da história da literatura é seguro, é idêntico à realidade do passado. O professor enumera uma extensa indicação bibliográfica onomástica e temática da comunidade científica a que pertence para convencer o aluno de que suas aulas foram fundamentadas em fonte segura. O aluno contesta, afirmando que o autor não mais se encontra presente para confirmar ou desmentir os escritos de sua pesquisa em tal obra. O professor concorda com o aluno quando argumenta sobre a ausência do autor e, no entanto, começa a enumerar livros, arquivos, documentos e pessoas que acordam, como ele, sobre o ponto de vista adotado. Uma vez mais o aluno contesta, dizendo ao professor que o problema lhe parece ter sido transferido da ausência do autor para os livros, arquivos, documentos e testemunhas. Consternado, o professor percebe que a pergunta do aluno é pelas condições de conhecimento seguro acerca da narrativa de Alfredo Bosi e da análise historiográfica da literatura brasileira sobre a qual escreve.

Esse fato nos leva às seguintes questões: nosso conhecimento acerca da história da literatura brasileira é inteiramente verdadeiro? Como atestá-lo? É possível tornar presente a passadidade da literatura brasileira por meio da narrativa histórica da literatura? Qual é a identidade narrativa da poesia de Gonçalves Dias ensinada pelo professor de história da literatura a tal aluno? Essas questões emergem como problema de interpretação. Trata-se do problema da identidade da historiografia literária brasileira.

Nossa hipótese é que a *categoria da representância* ou *lugar-tenência* com que Paul Ricoeur nomeia a identidade narrativa da historiografia, em *Tempo e narrativa*,⁸ pode ser estendida à identidade narrativa de uma historiografia literária brasileira. Como é possível uma compreensão de narrativas históricas do

⁶ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982, p. 67.

⁷ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3.^a edição. São Paulo: Cultrix, 1997, pp. 114-119.

⁸ *TN I; TN II; TN III*.

fenômeno literário a partir da *categoria da representância* aplicada à identidade narrativa histórica, em *Tempo e narrativa*?⁹ Essa é a questão que nos orientará em nossa investigação. Antes, porém, de explicitar o itinerário de nossa pesquisa, apresentamos uma súmula da teoria hermenêutica dos textos de Paul Ricoeur.

1.1. Teoria das operações de compreensão de textos

A teoria da interpretação de Paul Ricoeur é uma linguagem conceitual que especifica uma forma de abstração da crítica literária, podendo ser instrumento metodológico de uma hermenêutica de textos históricos-literários. O problema da interpretação foi uma constante em trabalhos de Paul Ricoeur. A leitura tanto de artigos publicados por ele no período de 1960 a 1970 e no período de 1975 a 1990 (*O conflito das interpretações – ensaios de hermenêutica* - 1969 e *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II* -1986) quanto de obras publicadas no período de 1965 a 2004 (*De l'interprétation – essai sur Freud* - 1965, *La Métaphore vive* - 1975, *Temps et récit – Tome I* - 1983, *Tome II* - 1984 e *Tome III* -1985, *Soi-meme comme un autre* - 1990, *Parcours de la reconnaissance* - 2004) atesta o deslocamento de tratamento do problema hermenêutico: hermenêutica dos signos, hermenêutica dos símbolos, hermenêutica dos textos, hermenêutica da ação. Não há para Paul Ricoeur compreensão de si que não seja mediatizada por signos, símbolos, textos, ações, ou seja, não há compreensão da experiência humana que não seja mediatizada por expressões humanas:

*“a descoberta da supremacia do ser-no-mundo em relação a qualquer projecto de fundamentação e a qualquer tentativa de justificação última ganha toda a sua força, quando daí se tiram as conseqüências positivas para a epistemologia da nova ontologia da compreensão (...) não há compreensão de si que não seja mediatizada por signos, símbolos e textos.”*¹⁰

É a experiência humana de ser-no-mundo que é mediatizada por signos, por símbolos, pelo discurso oral, pelo discurso escrito, pela ação.¹¹

⁹ *TN I; TN II; TN III.*

¹⁰ *DA*, p. 40.

¹¹ RICOEUR, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Tradução de Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas: Papirus, 1988; _____. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Tradução Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1977; *MV; TN I; TN II; TN III.*

Hermenêutica ricoeuriana quer dizer hermenêutica filosófica, ou seja, filosofia (reflexão) das interpretações. Ele mesmo a define: “*é a teoria das operações de compreensão*”.¹² Hermenêutica dos símbolos significa filosofia das diversas interpretações de símbolos; hermenêutica dos signos significa filosofia das diversas interpretações dos signos; hermenêutica dos textos significa filosofia das diversas interpretações dos textos. Um problema hermenêutico é um problema de interpretação, de um objeto de interpretação (símbolo ou signo ou texto). Por exemplo, se a exegese bíblica suscitou um problema hermenêutico significa que foi suscitado um problema de interpretação bíblica. Não se trata, porém, de entender hermenêutica como uma epistemologia da interpretação – “*conferir um método à compreensão ainda é permanecer nas pressuposições do conhecimento objetivo e nos preconceitos da teoria kantiana do conhecimento*”¹³ –; trata-se de perguntar sobre as condições de diversas interpretações pelo ser humano, que existe compreendendo. Para Paul Ricoeur, compreender não é mais um método de conhecimento, mas um modo de ser. Compreender é o modo desse ser humano que existe compreendendo e dando significações às suas relações com o mundo e com os outros. Esse modo de existir compreendendo e dando sentido ao mundo e às relações se exerce no plano da linguagem, que é irreduzível às significações unívocas. As significações são plurívocas. Na linguagem, há o fenômeno chamado de duplo-sentido ou múltiplo-sentido (seja na linguagem dos símbolos, dos signos, dos textos, da ação). E é, enfim, desse momento de múltiplo-sentido que decorrem diversas “ciências” epistemológicas (exegese, história, psicanálise). Trata-se da estrutura semântica das expressões de sentido duplo ou múltiplo.

A hermenêutica dos textos de Paul Ricoeur trata da teoria das operações de compreensão de textos narrativos poéticos, históricos e fictícios. Como se lê no ensaio *Da interpretação*¹⁴, em alguns trabalhos consagrados à função narrativa, suas preocupações foram preservar a amplitude, a diversidade e a irredutibilidade dos usos da linguagem, associar as formas e as modalidades dispersas do jogo de narrar (gêneros literários) e procurar na linguagem uma medida padrão que

¹² DA, p. 83.

¹³ Idem, p. 11.

¹⁴ Ibidem, pp. 23–46. Paul Ricoeur trata, primeiro, da função narrativa, segundo, da relação da função narrativa com a metáfora (sentido e referência) e, terceiro, os pressupostos característicos da tradição filosófica a que pertence (na linha de uma filosofia reflexiva, esfera da influência da fenomenologia husserliana, variante hermenêutica desta fenomenologia).

colocasse à prova a capacidade de seleção, organização e explicitação própria da linguagem. O fio condutor de sua teoria das operações da compreensão de textos narrativos é a noção de intriga. Segundo ele, “*a organização da intriga consiste, principalmente, na seleção e organização dos acontecimentos e das ações contadas, que fazem da fábula uma história completa e inteira com princípio, meio e fim.*”¹⁵ A noção de intriga está presente quer em suas análises das narrativas historiográficas quer em suas análises das narrativas de ficção, visto que, para Paul Ricoeur, as intrigas que inventamos ajudam-nos a configurar a realidade.¹⁶ A intriga é construída na e pela pré-compreensão do mundo e da ação, na e por sua configuração textual, que é o discurso escrito, e na e pela leitura.¹⁷ O discurso escrito é o texto. O texto é um dos *medium* de nossa experiência de ser com outros no mundo.

1.2. Objeto e itinerário metodológico

Em *Tempo e narrativa*, a tese de que a narrativa é um meio privilegiado pelo qual reconfiguramos nossa experiência cotidiana¹⁸ se desenvolve na correlação que existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana.¹⁹ Duas dialéticas se imbricam em *Tempo e narrativa*: a dialética da narratividade, desmembrada em *mimese I*, *mimese II*, *mimese III*²⁰, encadeada na tríplice *mimese* e posta à prova nas análises da narrativa histórica e da narrativa ficcional; e a dialética da temporalidade, na qual se leva a cabo a tese da obra, a saber, a reciprocidade entre narratividade e temporalidade – a hermenêutica do tempo narrado. Na dialética da narratividade, ocupar-nos-emos da identidade narrativa da historiografia, tal qual se nos apresenta na análise da narrativa histórica.

Quanto ao objeto de nossa investigação, tenhamos presente a questão que nos orientará: como é possível uma compreensão de narrativas históricas do

¹⁵ Ibidem, p. 25.

¹⁶ Ibidem, p. 29.

¹⁷ *TN I*, p. 88-131.

¹⁸ Idem, p. 15.

¹⁹ Ibidem, p. 85.

²⁰ RICOEUR, *Mimesis et représentation*, pp. 51–53; *TN I*, pp. 88 – 101. *Mimesis* é ação discursiva, imitação criativa do agir humano, de sua semântica, de sua simbólica e de sua temporalidade, é leitura, é apropriação e aplicação.

fenômeno literário a partir da *categoria da representância* ou *lugar-tenência* aplicada à identidade da narrativa histórica em *Tempo e narrativa* de Paul Ricoeur?²¹ Nosso objeto será, portanto, a identidade da narrativa histórica, em *Tempo e narrativa*. A noção de identidade narrativa surge ao término da correlação que Paul Ricoeur estabelece entre a atividade de contar uma história e o caráter temporal da experiência humana. Identidade narrativa do tempo narrado é a identidade que se produz através do próprio processo narrativo. Ao narrar, quer seja pela historiografia quer seja pela narratologia, há uma identificação do sentido da narração com sua referência: pela história, o que foi; pela ficção, o que poderia ser. Respectivamente, trata-se da representação histórica e da representação ficcional. Para Paul Ricoeur, identidade narrativa do tempo narrado é o entrecruzamento da intencionalidade da *representância* dos relatos historiográficos e da intencionalidade da *significância* dos relatos da ficção.²² Há um envolvimento mútuo dos dois procedimentos narrativos.²³

A tese central de Paul Ricoeur é de que o ato de configuração narrativa se encerra numa refiguração da experiência temporal.²⁴ Na primeira, na segunda e na terceira partes de *Tempo e narrativa*, ele se ocupa, sobretudo, do problema da configuração, e, na quarta parte, em duas seções, ele se ocupa, sobretudo, do problema da experiência temporal. Portanto, o problema sobre o qual se ocupa Paul Ricoeur é o problema da refiguração do tempo pela narrativa. No entanto, seu percurso da análise do problema da refiguração do tempo pela narrativa o exigiu, primeiro, o estudo dos modos narrativos da historiografia e da narratologia, e, segundo, a confrontação da temporalidade e da narratividade. Neste percurso, percebe-se que a identidade do tempo narrado se deve ao entrecruzamento da identidade da historiografia e da identidade da narratologia,

²¹ *TN I; TN II; TN III.*

²² *TN III*, pp. 315–333.

²³ Em *Tempo e narrativa*, a questão da identidade é posta sob o ângulo da narrativa. Em obras ulteriores, Paul Ricoeur tematiza a identidade sob outros ângulos: em *O si mesmo como um outro*, sob o ângulo do reconhecimento; em *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, sob o ângulo de uma comunidade histórica.

²⁴ *TN III*, pp. 7, 315-333. A identidade do tempo humano aparece em *O entrecruzamento da história e da ficção*. O tempo humano é o entrecruzamento da história e da ficção. Este entrecruzamento é a identidade narrativa do tempo humano. A identidade do tempo humano é resultado da ficcionalização da história e da historicização da ficção.

donde o triálogo entre a historiografia, a narratologia e a fenomenologia da consciência do tempo.²⁵

Tenhamos presente que, para determinar o estatuto filosófico da refiguração do tempo pela narrativa, Paul Ricoeur concentrou-se na análise da identidade da historiografia, que é a *categoria da representância*, na análise da identidade da narratologia, que é a *categoria de significância*, e, finalmente, na análise da identidade do tempo humano, que é o envolvimento recíproco da identidade da historiografia e da identidade da narratologia.

Dado o objeto de nossa investigação, interessa-nos a análise da identidade da historiografia, desenvolvida explicitamente no terceiro capítulo da segunda seção do terceiro tomo, em *A realidade do passado histórico*.²⁶ A *categoria da representância* é a identidade narrativa da historiografia. Trata-se da dialética do Mesmo, do Outro, do Análogo. Segundo Paul Ricoeur, todas as grafias dependem da leitura e é pela leitura de ancoradores que um historiógrafo intui o que poderia ter sido no passado, já que a passividade do passado não é observável, e sim memorável. O ter-sido da passividade se dá pela imaginação criativa, cerceada pelas coerções da prova documentária. De um lado, a intencionalidade do historiógrafo é reconstruir o fato passado; de outro lado, o historiógrafo somente dispõe de "rastros" (documentos, arquivos, testemunhas, memória coletiva e individual...). O fato passado não é observável. Neste sentido, a identidade da historiografia é quase-passado (análoga; próxima). A identidade da historiografia é meio científica (cerceada pelas coerções da prova documentária) meio literária (teria acontecido, teria sido). É por isso que há um diálogo entre historiografia e narratologia. A identidade da historiografia é meio científica meio literária, sem perder, todavia, sua intencionalidade de prova documentária e de reconstrução do passado. Nossa hipótese é que a identidade narrativa da historiografia pode ser estendida à identidade narrativa de uma historiografia literária brasileira.

Quanto ao nosso itinerário, as partes da dissertação visam levar a termo tal hipótese. Assim sendo, no segundo capítulo, estudaremos algumas noções caras à hermenêutica ricoeuriana, tais como narratividade, texto, tessitura da intriga, fenômeno de concordância/discordância; no terceiro capítulo, estudaremos o dinamismo da narratividade presente em sua concepção de linguagem como atos

²⁵ Idem, p. 8.

de discurso, de linguagem como ação e de linguagem como escritura; no quarto capítulo, estudaremos o modelo analítico da narratividade – tríplice *mimese* – e a identidade narrativa da historiografia como *categoria da representância*. Caber-nos-á, portanto, verificar o modelo da tríplice *mimese* aplicado à narrativa histórica, enquanto se nos apresentam, primeiro, as condições de inteligibilidade de uma historiografia literária brasileira e, segundo, a identidade narrativa do passado descrito por uma historiografia literária brasileira; e, finalmente, no quinto capítulo, precedendo nossa conclusão, a *categoria da representância* será estendida como identidade narrativa da historiografia literária brasileira.

Nesse itinerário, procuraremos fazer uma leitura de Ricoeur... desde Ricoeur... a um problema cotidiano de estudiosos da historiografia literária brasileira, sejam alunos, sejam professores, sejam pesquisadores, sejam críticos... : o problema da identidade narrativa da historiografia literária.

²⁶ Ibidem, pp. 241–271.